

*Artigos Originais*

## **EDUCAÇÃO E LITERATURA PARA CRIANÇA: ORIGENS E PERCURSO**

*Original Articles*

### **EDUCATION AND CHILDREN'S LITERATURE: THE ORIGINS AND PATH**

Elizabeth Aranha Guimarães Ubiali<sup>1</sup>

<http://lattes.cnpq.br/5216173758589180>



**CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ.**, Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)    

#### **RESUMO**

Reflexão sobre a origem da educação e da literatura dedicada à criança. Charles Perrault como o marco da literatura infantil embora sem ter tido a intenção de escrever para a criança. Apresentação dos autores Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) e Hans Christian Andersen (1805-1875) como continuadores da obra de Perrault. Constatação da importância da educação e literatura dedicada à criança ao longo da história. Ressaltamos que os grandes mestres da humanidade como os Budas do Oriente e Jesus, o Cristo reconheciam o potencial da infância para o desenvolvimento do ser humano.

#### **ABSTRACT**

This paper consists in reflections about the origin of Education and Literature dedicated to children. It's an introduction about the first steps of Education and Literature for children throughout the History of Western Civilization. Charles Perrault (1628-1703), was a mark of Children's Literature, even though he had no intention to write specially for them. The authors Jacob Grimm (1785-1863) and Wilhelm Grimm (1786-1859) and Hans Christian Andersen (1805-1875) are presented as those who continue the Perrault's Literature. It's made a reference to the great masters of humanity, the Buddhas of the Orient and Jesus, the Christ, as those who were aware of the potential of childhood for the development of human being.

Literatura Infantil se refere a um trabalho dedicado à criança. Se lançarmos um olhar retrospectivo pelo decurso da história da civilização ocidental vamos constatar que a preocupação com a criança é recente, ou seja, contemporânea. Não

---

<sup>1</sup> Graduação em Filosofia (USP), Mestrado em Estudos Literários (UNESP) e Doutorado em Psicologia (USP).

encontramos entre os gregos uma dedicação específica ao estudo da criança, uma literatura a ela dedicada ou um trabalho científico com a educação como ciência e arte e com modos de ensinar específicos para o desenvolvimento infantil.

Passando pelos Romanos e pela Idade Média também não nos defrontamos com um pensador ou como obras dedicadas ao estudo da infância. Constata-se que durante muitos séculos a criança era considerada um ser em miniatura (*homunculus*) a espera da idade adulta para realmente *ser*.

Regina Ziberman (1981, p. 15) em *A literatura infantil na escola* ressalta:

Antes da constituição desse modo familiar burguês, inexistia uma consideração especial com a infância. Esta faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava.

A valorização e a consideração da infância como uma fase autônoma à idade adulta, inicia-se a partir dos ideais democráticos e revolucionários do século XVII. Naquele momento histórico acontecia a ascensão da burguesia e dos ideais liberais que emergiam na França e de onde veio a eclodir a Revolução Francesa. A partir desse momento histórico, o conceito de criança vem sendo estudado e pesquisado. A o período da infância começa a ser visto como o espaço da possibilidade e no qual se deve pesquisar, investir.

Tal período coincide com o Iluminismo (séculos XVII e XVIII) que questionava a autoridade e a tradição e buscava com entusiasmo estudar as novas ciências. Foi um período na história que levou os intelectuais franceses a defender uma ampla reforma cultural, que revisse não só a forma de se produzir conhecimento, mas também a organização social e política. Alguns filósofos foram de grande importância para a concretização dessa nova maneira de ver o mundo. Dentre eles está Immanuel Kant (1724 - 1804) com a sua obra *Crítica da Razão Pura* (1999). Embora sem um trabalho especificamente dedicado ao universo infantil, Kant elabora uma filosofia que reflete sobre o conhecimento e a forma de se conhecer e que vai de certa forma influenciar toda filosofia e também a pedagogia.

Ele propõe uma síntese entre empiristas e racionalistas dando assim um avanço no sentido de entender como se processa o conhecimento. Para Kant (1999), apesar de o nosso conhecimento depender de nossas percepções sensoriais, essas não representam todo o conhecimento, pois o sujeito possui

estruturas que as antecedem e também participam da elaboração da experiência e conseqüentemente do conhecimento. Segundo Kant (1999), o limite do nosso conhecimento é delineado pelos fenômenos, isto é, pela interação da realidade objetiva com os esquemas cognitivos do sujeito.

Desse modo, a grande contribuição de Kant está em mostrar que a realidade não é um dado exterior ao qual o intelecto deve se conformar, mas sim que o mundo dos fenômenos só é algo para nós na medida em que aparece mediado pelas nossas formas de conhecimento, da qual somos responsáveis por sua construção. Partindo desse princípio, Kant foi responsável pela Revolução Copernicana na Filosofia que foi resultante da sua crítica ao conhecimento: assim como Copérnico mostrou que não é o Sol que gira em torno da Terra, mas que a Terra gira em torno do Sol, o conhecimento não é reflexo do objeto exterior: é a nossa mente que constrói o conhecimento.

Voltado diretamente para a Educação e para a Pedagogia está o pensamento do filósofo Jean Jacques Rousseau (1712 – 1778). Entre seus temas principais está a relação com a natureza e a sociedade, a moral fundamentada na liberdade, primazia do sentimento sobre a razão, teoria da bondade natural do homem e a doutrina do contrato social.

Em seu romance pedagógico: *Emílio, ou da educação*, Rousseau (2004) defende a doutrina do bom selvagem e da bondade natural da criança e questiona a autoridade do professor centrada na transmissão da herança cultural; neste sentido, ele vai propor uma educação livre e natural.

Esta obra é um tratado para educação ao lado de uma crítica à escola tradicional repressiva anterior ao Iluminismo. As críticas que ele dirige à autoridade do professor, ao dogmatismo livresco da escola tradicional e ao tratamento repressivo que a sociedade impõe às crianças fizeram do pensamento de Rousseau uma referência na construção das pedagogias libertárias.

Ao contrário do que muitos pensam a respeito do pensamento de Rousseau, ele não pretendia exaltar a animalidade do selvagem, mas sim sua humanidade em relação ao homem civilizado. A pretensão de Rousseau (1999, p. 13) é questionar e combater os abusos e não rejeitar os mais valiosos valores humanos.

Que ser aqui embaixo, exceto o homem, saber observar os outros, medir, calcular, prever seus movimentos, seus efeitos, e unir, por assim dizer, o sentimento da existência comum ao de sua existência individual?...Mostrem-me outro animal sobre a terra que saiba fazer uso do fogo e admirar o Sol... Eu posso observar, conhecer os seres e suas relações, posso sentir o que é a ordem, a beleza, a virtude; posso contemplar o Universo e elevar-me até a mão que governa; posso amar o bem e fazê-lo; e me compararia com os animais?...Que coisa maior poderia eleger do que ser homem? (Inserir trecho de Video).

Foi então nesse clima de interesse pelo conhecimento e pela educação que surgiu aquele que vai ser marco inicial da Literatura Infantil: Charles Perrault.

**Imagem1:** Charles Perrault



Fonte: Charles Perrault (online).

Charles Perrault nasceu em Paris, no dia 12 de janeiro de 1628. Viveu na época do Rei Luís XIV. Entrou para a Academia Francesa de Letras em 1671. Iniciou o gênero: contos maravilhosos com a coletânea *Histoires ou contes du temps passés, avec des moralités*, a qual tornou-se conhecida como *Contes de ma mère l'Oye*, também chamada de *Contos da Mãe Gansa*, *Contos da Velha* e *Contos da Cegonha*. Quando publicou essa coletânea estava com quase 70 anos; faleceu no dia 16 de maio de 1703, com 75 anos.

## Imagem 2: *Contes de ma mère l'Oye*



Fonte: PERRAULT, 2004.

Ilustração: *Contes de ma Mère l'Oye* por Gustave Doré

*Mamãe Gansa* é o nome que foi dado a uma mulher do campo, a qual teria sido dada a origem das histórias e cantigas atribuídas à personagem Mamãe Gansa.

A existência de mulheres que contavam histórias (como a da ilustração que representa a mamãe gansa) remonta a uma oralidade muito mais antiga do que aquele momento em que viveu Perrault. Na Índia, China e na Grécia encontramos relatos de histórias que mais tarde tornaram-se contos infantis. Essas narrativas passam pela tradição oral e vem sendo transmitidas há milênios, atravessando o folclore dos povos. Por lidar com arquétipos, ou seja, com conteúdos essenciais da condição humana, essas histórias se perpetuam até hoje. Nelas encontramos o amor, a morte, a ambição, a miséria, as dificuldades de ser criança, as carências, orgulho, vaidade, as auto-descobertas, as perdas, as buscas, a solidão, as vitórias. O enredo básico das narrativas apresenta as provas que o protagonista tem que vencer, para que possa alcançar sua auto-realização, seja pelo encontro de seu verdadeiro *eu*, seja pelo encontro da princesa ou do príncipe que representa o ideal a ser atingido.

A coletânea de Perrault tornou-se o marco inicial da história da literatura infantil. O livro contém onze contos. A publicação rompeu os limites literários da época e alcançou públicos de todas as idades e de diversos lugares do planeta. Por meio dos seus contos, Perrault foi um pesquisador e divulgador de histórias tradicionais que faziam parte do folclore europeu. Sua linguagem é clara e simples,

tornando seus contos apreciados e escolhidos pela criança. Inicialmente a coletânea foi composta por oito contos, e posteriormente foram incluídos mais três.

### **Os primeiros contos**

*La Belle au Bois Dormant* - A Bela Adormecida no Bosque / *Le Petit Chaperon Rouge* - Chapeuzinho Vermelho / *La Barbe-Bleue* - O Barba Azul / *Le Maître Chat ou Le Chat Botté* - O Gato de Botas / *Les Fées* - As Fadas / *Cendrillon ou La Petit Pantoufle de verre* - A Gata Borralheira / *Riquet à la Houppe* - Henrique, o topetudo / *Le Petit Poucet* - O Pequeno Polegar

Os três contos incluídos posteriormente na coletânea são: *A Pele de Asno* / *Os Desejos Ridículos* / *Grisélidis*

Questiona-se a classificação destes contos como Contos de Fadas, pois na verdade, na metade desses contos não há fadas. Melhor seria tratá-los de contos maravilhosos, uma vez que em todos eles aparecem elementos fora da realidade concreta.

Em o *Chapeuzinho Vermelho*, o lobo está personificado assim como em *O Gato de Botas*; em *Barba Azul*, há a chave com a mancha de sangue que não pode ser lavada; em *O Pequeno Polegar* existem as botas de sete léguas e a presença do Ogre e suas transformações.

Paul Hazard em *Les livres, les Enfants et les hommes*, citado por Marc Soriano em *Guide de la Littérature Infantile* (1959) confirma que a Literatura Infantil tem como marco histórico inicial Charles Perrault. Entretanto é preciso ressaltar que, embora esta obra seja atribuída à criança, seu autor não tinha a intenção de escrever especificamente para ela. Na verdade o que Perrault fez foi uma recolha da antiga tradição oral nas aldeias da França. Neste momento, ainda não havia uma preocupação efetiva com a criança, o que importava era aquele que era capaz de trabalhar e enfrentar a natureza. Desse modo, o olhar de Perrault não se dirigia ao potencial que a infância pode produzir, embora essa preocupação, estava sendo empreendida naquele momento histórico. Exemplificando essa afirmação abordaremos algumas temáticas das narrativas que não tratam especificamente do tema voltado para a criança.

*A Bela adormecida*: apresenta o período da adolescência, os conflitos e as dificuldades que o jovem tem que enfrentar e a proteção, muitas vezes excessiva dos pais com medo do crescimento. Este é um período de grandes e rápidas

mudanças, caracterizada por espaços de completa passividade e letargia que se vê simbolizado no sono da Bela adormecida..

### **Imagem 3: Bela Adormecida**



Fonte: PERRAULT, 2004, p. 57.

### **O Chapeuzinho Vermelho**

Considera-se que as alegorias desse conto podem representar suas preocupações políticas e sexuais da França no século XVII. Ele trata da temática da sexualidade e sedução. Acredita-se que a intenção de Perrault foi escrever esta história com fins didáticos, para alertar as jovens virgens da corte do Rei Sol. Vestir sua protagonista com um capuz vermelho - a cor das prostitutas, do escândalo e do sangue - pode ser um alerta para o destinos das jovens daquela época.

### **Imagem 4: Chapeuzinho Vermelho**



Fonte: PERRAULT, 2004, p. 69.

Por outro lado, a ilustração que acompanha o manuscrito de Perrault é mais ousada, pois o lobo não usa disfarce e está em cima da menina, com uma pata de cada lado. O lobo é o grande perigo e no final do conto, a menina é comida por ele, sem salvação nem redenção. Naquela época, perda da virgindade encontra sinônimo na expressão popular: *elle avoit vû le loup* – (ela viu o lobo) representando um perigo para a jovem e muitas vezes a exclusão social da mulher na sociedade.

## **O Barba Azul**

Este é considerado um rastreador esperto. Ele percebe que a filha mais nova está interessada nele, ou seja, que pode ser sua presa. Ele a pede em casamento e, num momento de animação juvenil, que é muitas vezes uma mistura de ilusão, prazer, felicidade e interesse sexual, ela diz sim. Que mulher já não passou por essa prova?

O Barba Azul é pode ser simbolizado por um carcereiro, um predador inato, um ser sinistro que vive na psique das mulheres, Ele é uma força específica e indiscutível que precisa ser contida e mantida na memória. Segundo Éstes (1997), para vencer esse monstro natural da psique é necessário que as mulheres desenvolvam poderes tais quais: a intuição, a resistência, a percepção aguçada, o alcance da sua visão, a audição apurada, a cura intuitiva e o cuidado com seu próprio fogo criativo. Com esse conhecimento em ação a mulher vence seus predadores e não será devorada. E a consciência desse saber significa se tornar um ser maduro, não mais vulnerável à ingenuidade ou à insensatez. A aceitação do monstro é na realidade decidida quando as meninas são muito novas, ingênuas e tem grande ilusão com o casamento. Elas são treinadas a serem boazinhas e submissas acreditando que o casamento irá resolver todos os problemas de suas vidas. Ao contrário de ver a realidade elas veem um mundo fantasioso conseguindo “dourar” todo tipo de esquisitice que venha do parceiro. Em consequência dessa ilusão a candidata a noiva diz: “Bem, a barba dele não é tão azul assim”. Para a mulher que não trabalha sua intuição e seus saberes emerge na sua psique uma espécie de Barba Azul hipnótico, que faz com que ela opte por um predador que vai destruí-la, que vai submetê-la a sua força destrutiva, arbitrariedade, poder.



**Imagem 5:** Barba Azul



Fonte: PERRAULT, 2004, p.. 81.

Clarissa Pinkola Estés (1997, p. 71), em *Mulheres Que Correm Com Lobos* reflete sobre essa narrativa e sua simbologia:

Quando uma alma jovem se casa com o predador, ela é capturada ou reprimida durante a fase da sua vida que deveria ser de desdobramento. Em vez de viver livremente, ela começa a viver falsamente. A promessa enganosa do predador diz que a mulher será rainha de algum modo, quando de fato o que se planeja é seu assassinato.

### Imagem 7: Gato de Botas



Fonte: PERRAULT, 2004, p.105.

O gato vai ensinar ao futuro chefe (rei - nobre) as exigências de seu novo estado social. O personagem que aparece para superar a pobreza do rapaz é o Gato de Botas. Para tal fim vários ardis são utilizados para fazê-lo casar-se com a princesa. A genialidade com que é construída a personalidade falsa do Marquês de Carabás valoriza o grande plano. Acredita-se que o fato de ser um gato o elemento mágico dessa narrativa pode estar relacionado à rapidez e agilidade felinas. Considera-se esse conto uma crítica social à nobreza. Evidencia-se a superioridade atribuída ao burguês trabalhador e dedicado em relação ao nobre que já nasce rico que por não ser laborioso está vulnerável, podendo perder esta riqueza.

### **Pele de Asno**

O incesto é o tema deste conto. Sob o pretexto de cumprir uma promessa à esposa falecida, o rei se propõe a violar o maior tabu de todas as civilizações do mundo: o incesto entre pai e filha. Neste conto um rei e uma rainha e uma princesa vivem felizes no reino, até que o monarca fica viúvo. O rei, desejando casar-se novamente haveria de cumprir o desejo de sua falecida esposa: casar-se com uma mulher tão bela como ela. Como não conseguia encontrar fora da família pretendentes que tivessem tamanha beleza, acaba colocando em séria dificuldade

a sua própria filha, ao decidir-se que queria se casar com ela. A princesa foge para se livrar dessa terrível situação.

**Imagem 8:** Pele de Asno



Fonte: PERRAULT, 2004, p.187

A Literatura Infantil pertence então ao XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade em relação à educação se concretizavam. Com características próprias, é o reflexo da ascensão da família burguesa, do novo olhar que é concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Seu surgimento deveu-se, antes de tudo, à sua associação com a Pedagogia, pois muitas vezes as histórias eram elaboradas para se serem em instrumento dela. Desse modo, a criança passa a não ser mais a miniatura do adulto, mas um ser com necessidades e marcas próprias, recebendo uma educação especial de acordo com sua faixa etária para ser preparada para a vida adulta. Partindo desse marco inicial da literatura infantil vamos encontrar o próximo passo nas pesquisas e na obra dos irmãos alemães:

## **Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859)**

Os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) eram filólogos, folcloristas, estudiosos da mitologia germânica, eles vão dar continuidade ao trabalho de Perrault. Recolhem, diretamente, da memória popular as antigas narrativas, lendas ou sagas germânicas, conservadas por tradição oral. Vão ao encontro do povo na zona rural, nas aldeias recolhendo diretamente da oralidade, contos, lendas, sagas...conservadas na memória do povo. A camponesa Katherina Wieckmann é citada por historiadores como aquela que muito contribuiu para a obra dos Grimm.

Buscando encontrar as origens da realidade histórica germânica, os pesquisadores encontram a fantasia, o fantástico, o mítico... assim, uma Literatura direcionada à criança começa a se delinear. Sabemos que apesar dos contos compilados por Perrault não serem dedicados à criança eles foram por ela escolhidos; com os Grimm houve a preocupação de tornar a narrativa menos trágica e mais direcionada ao universo infantil como relata Nelly Novaes Coelho em sua obra: Panorama Histórico da Literatura Infantil:

Quanto à preocupação com as crianças, após uma séria polêmica com o escritor Von Arnim, os Grimm passaram a "suavizar o rigor doutrinal e levaram em conta exigências da mentalidade infantil", que de início punham no mesmo plano da mentalidade adulta (como era normal no mundo antigo...). Um conto que dois irmãos brincam de se estrangularem (=objeto da mencionada polêmica que punha em dúvida a validade de ele ser dado às crianças, devido à violência de seu argumento) foi retirado da edição completa de 1819, bem como foram suprimidos certos "traços de outros contos que poderiam chocar a consciência das crianças." (Soriano, GLJ – p. 289 apud COELHO, 1991, p. 293, grifo do autor).

O material recolhido pelos Grimm resultam na publicação da obra *Contos de Fadas para Crianças e Adultos (Kinder unde Hausmaerchen)*. Esse intuito em aproximar a narrativa recolhida do universo infantil implica na exclusão da violência e do trágico de Perrault, pelo humanismo dos Grimm. Como exemplo dessa amenização temos o conto *O Chapeuzinho Vermelho*. Em Perrault, o lobo devora a menina e a avó, nos Grimm aparece o caçador que abre a barriga do lobo salvando a avó e a menina; e no final o lobo morre com as pedras na barriga colocadas pelo caçador. Num terceiro momento desta história literária está o grande escritor que encantou o mundo com suas histórias para as crianças:

## **Hans Christian Andersen (1805-1875)**

Dando continuidade a esse percurso da história da literatura infantil está o escritor dinamarquês considerado um célebre poeta e novelista com uma obra dedicada à criança: Hans Christian Andersen (1805-1875). Viveu na Dinamarca e vinha de uma família com poucos recursos materiais, participou de uma época da expansão industrial na qual surgiu a classe dos operários em oposição aos industriais. Vivenciou os contrastes da abundância e da miséria, mas pertenceu à classe dos mais pobres.

Vivendo sobre a influência do Romantismo expressa em seus contos a linguagem do coração sendo reconhecido e amado pelas crianças e adultos. Seu realismo revela ternura e sensibilidade, solidariedade aos desvalidos vítimas de violência e injustiça.

Na obra de Andersen, é na realidade concreta do cotidiano que o maravilhoso é revelado. É nesse contexto do maravilhoso que seu humanismo tenta abrandar a injustiça, a crueldade, a impunidade e a violência.

Essencialmente sintonizado com os ideais românticos de exaltação dos valores populares, com os ideais de fraternidade e generosidade humana, Andersen vai-se revelar uma das vozes mais puras do espírito dos "simples". Não do rudimentar e tosco, mas do singelo, do ingênuo que vive pelas emoções do coração do que das pelas forças do intelecto (COELHO, 1991, p. 303, grifo do autor).

Sua obra, diferenciando de Perrault e dos Grimm, não vem diretamente da tradição oral, teve como referência a vida real que se revela aos seus olhos sensíveis e a literatura popular.

Começou adaptando contos populares já bem conhecidos, como "A princesa e o grão de ervilha" ou "O companheiro de Viagem" que ele costumava contar às crianças. Conforme registro de M. Soriano, "Andersen foi bem um improvisador, um desses artistas populares "bem dotados" que, em sua época ainda (mas por pouco tempo) percorriam as aldeias e, nos serões, contavam intermináveis histórias. A segunda parte de sua obra é mais pessoal. A partir de 1843 começa a publicar contos inventados por ele mesmo e que têm, por heróis, objetos familiares..." (in GLJ-44 apud COELHO, 199, p. 304, grifo do autor).

Andersen representa a voz do Romantismo a narrar para a criança. Propõe padrões de comportamento a serem seguidos pela sociedade que se organiza. No confronto entre os poderosos e os miseráveis, o autor mais que denunciar a injustiça do poder explorador, revela a superioridade humana do explorado e anuncia a

fragilidade, a fugacidade desse mundo que oprime e explora frente à grandiosidade de um poder que não desampara aqueles que são oprimidos e maltratados, mesmo que essa proteção implique na passagem para o outro lado da vida.

Constatamos que conforme a preocupação com a criança foi se delineando na história a literatura infantil foi sendo elaborada, aperfeiçoada. Hoje temos uma vasta literatura dedicada à criança e de excelente qualidade. Poesia, canções, contos, histórias em quadrinhos, e até mesmo histórias que são criadas a partir da necessidade psíquica da criança como a obra de Susan Perrow, *Histórias Curativas para comportamentos desafiadores*, a autora se propõe a criar narrativas que serão aplicadas com a finalidade de resolver problemas, dificuldades, conflitos, traumas.

Hoje, são muitos os educadores e teorias que pesquisam esse momento primordial da vida humana. A criança hoje é vista como o *espaço e o tempo* da possibilidade, da grandiosidade da vida, *espaço e tempo* estes que exigem respeito, cuidados dedicação, estudo.

Podemos afirmar que hoje a preocupação com a infância vai concordar com os grande mestres da Humanidade como os Budas e Jesus, o Cristo. Encontramos imagens, estátuas do Buda rodeado por crianças. Essas representações nos sugerem que a sabedoria desses grandes mestres é semelhante à energia que emerge da infância. As crianças do Buda representam: luz, paz, consciência cósmica, prosperidade... É também estar em estado de graça: compaixão, felicidade, alegria, energia positiva.

**Imagem 9:** Buda e as crianças I



Foto: Elizabeth Aranha Guimarães Ubiali

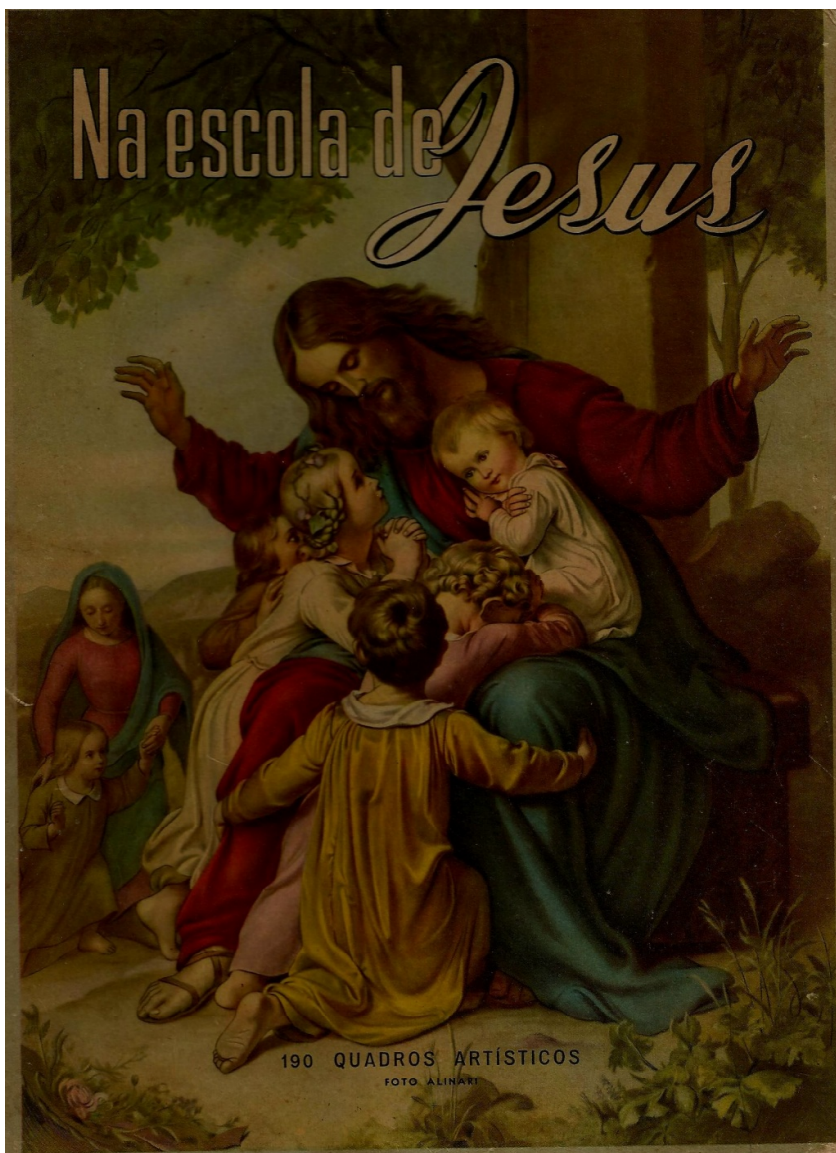
**Imagem 10: Buda e as crianças II**



Foto: Elizabeth Aranha Guimarães Ubiali

Concordando com os budas do Oriente está o representante espiritual da cultura judaico-cristã: Jesus, o Cristo. Para ele, a criança deveria ter o maior privilégio entre os seres humanos: ela é aquela que merece os reinos dos céus e conseqüentemente para merecer o reino dos céus o homem deve se assemelhar a uma criança.

Imagem 11: Jesus e as criancinhas



Fonte:FORNASARI, [195-?], capa.

Nesse sentido concluímos, a importância da educação e da literatura dedicada à criança. Por meio delas a criança se desenvolve física, psíquica e intelectualmente para uma vida saudável, próspera e feliz.

Assim, confirmamos a importância de Perrault em parceria com os demais escritores e pensadores que idealizaram e concretizaram uma obra dedicada à



criança. Foram eles o marco inicial de um trabalho tão precioso e prazeroso para criança e conseqüentemente para toda a humanidade.

## REFERÊNCIAS

CHARLES Perrault. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre . Disponível em: <[http://www.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Perrault](http://www.wikipedia.org/wiki/Charles_Perrault)>. Acesso em: 15 fev. 2012.

COELHO, Nelly. **Panorama histórico literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.

ÉSTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FORNASARI, Eugênio (Pe). **Na escola de Jesus**. São Paulo: Paulinas, [195-?].

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

MARQUES, Ramiro. **Dicionário de pedagogia**. Lisboa: Verbo, 1980.

PERRAULT, Charles. **Histórias ou contos de outrora**. Ilustração de Gustave Doré. São Paulo: Landy, 2004.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Do contrato social**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da educação**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SORIANO, Marc. **Guide de la littérature infantine**. Paris: Flammarion, 1959.

UBIALI, Elizabeth Aranha Guimarães. **Da cabana ao infinito**. São Paulo: Annablume : Fapesp, 2002.

ZIBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. Rio de Janeiro: Global, 1981.